

Revista anti-moderna, anti-liberal,
anti-democrática, anti-bol-
chevista e anti-bur-
guesa

ORDEM NOVA

Contra-
-revolucionária;
reaccionária; católica;
apostólica e romana; monár-
-quica; intolerante e intransi-
-gente; insolidária com escritores,
jornalistas e quaisquer profissionais
das letras, das artes e da imprensa

ANO 1.º

AGOSTO

NÚM. 6

USDA

ORDEM NOVA

REVISTA MENSAL

Redactores fundadores :

Albano Pereira Dias de Magalhães
Marcello Caetano

Secretário e editor: *J. Fernandes Júnior*

REDACÇÃO: *Rua do Norte, 57 — COIMBRA*

ADMINISTRAÇÃO: *Largo do Directório, 8, 3.º — LISBOA*

Composição e impressão: *Imprensa Beleza—R. da Rosa, 99 a 107—LISBOA*

Propriedade de *José Fernandes Júnior*

SUMÁRIO

Jesuitas no Brasil	<i>Nuno de Montemor</i>
Algumas notas sobre a educação e o ensino em Portugal	<i>José Manuel da Costa</i>
Salan ressurgue... ..	<i>Marcello Caetano</i>
Mutilados e Inválidos de Guerra	<i>Alberto Baptista Alvares</i>
Pensamentos, palavras & Obras:—Um trecho de Xavier de Maistre de flagrante actualidade;—Aos nossos amigos e assinantes.....	—



Jesuitas no Brasil

Da colecção *Inéditos e Dispersos* saiu já o tomo 3.º — *Jesuitas no Brasil* (1) de que é autor o Rev.^{mo} P.^e Luís Gonzaga Cabral, glória do espírito português na Companhia de Jesus.

Livro destinado a estudar a influência da Companhia de Jesus na colonisação do Brasil, a sua prosa clara, fulgurante, harmoniosa, lê-se com aquela irrepreensível admiração, com aquela alegria affectuosa, que levava, arbatadamente, toda a Lisboa sã e culta, a ouvir, em S. Domingos, o verbo iluminado do douto jesuita.

Em todos os capítulos do formoso volume se encontram páginas que o grande Vieira jubilosamente assinaria.

Damos para amostra estas palavras lapidares com que Rev.^{mo} P.^e Gonzaga Cabral comenta o rasgo evangélico com que a Companhia de Jesus cumpriu, no Brasil, o preceito biblico: *Ide e batisai todas as gentes...*

«*Ir* foi muito, porque foi triunfar das distancias; — *catequisar* foi mais, porque foi triunfar das inteligências; mas *cristianisar* foi tudo, porque foi triunfar das vontades, e a vontade, por isso mesmo que é livre, opõe ao missionário rebeldias ora silenciosas ora explosivas, que

(1) Editora: Companhia Melhoramentos.—S. Paulo—Brasil.—
Preço: 8\$000 réis.

José Carlos

só consegue debelar quem realiza o ideal pleno de missionário de zelo inteiro e santidade abnegada”.

Livro claro e suave, se por vezes da sua prosa irrompem as notas vibrantes e solenes de um *Te-Deum*, o autor em quasi todas as páginas é evangélicamente brilhante, apostólicamente simples, falando humildemente das glórias dos seus irmãos, como se modestamente contasse factos da sua vida pessoal.

Tudo se fez por Deus...

Se há uma página mais quente para Anchieta ou para outro irmão mais glorioso, é o abraço caloroso do jesuita, por ver o irmão tão assistido de Deus...

Nesta revista de gente nova, onde a lisonja jamais entra, aqui agradeço ao grande amigo P.^e Gonzaga Cabral, o ter-se lembrado de, com tão boas palavras de saudade e affecto, me enviar o seu formosíssimo livro, e aqui o recomendo aos meus leitores e até aos nossos poeirentos eruditos, que nele aprenderão a escrever sem ranço e sem bafio das coisas antigas da nossa gente, libertando-se daquela prosa negra e retorcida que só faz gargalhada e sono...

Ah! Que tristeza nos comunica a quasi totalidade dos nossos eruditos!

Donde vêm? — pergunta a gente.

De nenhuma terra...

Vêm do fundo do mar...

São pescadores de pérolas... alheias.

Quando as reúnem, para formar o colar, ou seja a obra erudita, vê-se que dêles é apenas o fio onde as metem — fio que, para maior desgraça, nem é de linho fino, mas linhol de... sapateiro.

Outras vezes, em vez de fio, cosem a manta de farrapos — farrapos de todas as línguas — onde as palavras

portuguesas surgem aqui e além, como ciscos mal catados em cobertor de mendigo . . .

*

* *

Não traz grandes novidades à gente culta o livro admirável do insigne jesuita, porque êste de há muito conhece o esforço da gloriosissima Companhia de Jesus na segunda criação do Brasil, mas vulgarisa, brilhantemente, os argumentos em que se funda a justiça que todos lhe devem, para que se não chamem exploradores de negócios os que foram apóstolos, confessores e mártires de muitas pátrias.

A legislação de Santo Inácio preceitua que o coração dos seus religiosos palpita no ritmo do povo com quem vivem.

No tempo em que os indígenas do Brasil mutuamente se frechavam e devoravam, nos recuados anos em que os colonos europeus lá se guerreavam e assassinavam, naquele tumulto de ciladas e batalhas entre colonos e índios, uma falange de homens acendia, no coração do Brasil, uma luz de paz, para que indígenas e colonos viessem reunir-se, fraternalmente, à volta dela.

Assim, a consciência viva de uma pátria brasileira foram os jesuitas os primeiros que a enunciaram e viveram, e, sob êste aspecto, com justiça se poderiam considerar os primeiros brasileiros.

Pedro Álvares Cabral encontrara uma terra nova, mas foram os filhos de Santo Inácio que descobriram a pátria brasileira.

Que de esforços heroicos para o conseguirem !

No meio daquelas tribus de línguas ignoradas, onde a custo se distinguia uma vogal ou uma consoante, línguas que, por vezes, eram sons cavos ou gritos estridentes, o jesuita entrava, oferecendo-se, inteiro, num idioma ao mesmo particular e universal, porque era todo feito em gestos de bem fazer, em traços de sangue diluído em lágrimas.

Quando a guerra feroz e cruenta estalava entre duas tribus, o jesuita metia-se de permeio, e muitas vezes foi o seu sangue que soldou, umas às outras, numa rêde de amor, as células das tribus que viriam a formar o Brasil moderno.

No espírito ingénuo dos selvagens, aquela lição de verem morrer generosamente um europeu, que se dizia irmão dos brasis, assegurava-lhes que também os índios eram todos irmãos.

Antes mesmo de conhecerem muitas línguas indígenas, os jesuitas ensinaram-lhes a fazer a casa para se abrigarem, os remédios para se curarem, os tecidos para se vestirem.

Antes de serem o cérebro, êles foram a mão.

A colher do trolha e a lançadeira do tecelão precederam a pena e o livro das escolas.

O sangue do martírio antecedeu a luz da sciência.

Príncipes da Igreja pelas virtudes e pelo talento, aristocratas do catolicismo pela sciência, nos primeiros tempos das missões brasflicas, os jesuitas criam uma epopeia de humildade que não tem par, pela grandeza e pelo successo, na história das outras missões congreganistas.

Nenhuma outra pátria se fez assim à luz pacífica do Evangelho.

Portugal criou-se erguendo a lança de Viriato na Estrela e a espada de D. Afonso I em Ourique...

À sua custa aprendera que a terra pertence as que nela nasceram, e, entrando no Brasil, lembrou-se de que seria *invasor* se não fôsse evangelizador.

Assim, os primeiros colonos levaram no sangue e na religião esta verdade, mas ter-se hia perdido nas guerras despertadas pela natural cubiça de enriquecer e dominar, sem a correcção de humildade e sacrifício que a Companhia de Jesus opunha aos apetites de muitos.

No sertão, nas sombras imensas da floresta escura, não era o fulgor da ponta da lança que abria o caminho, mas o jesuita que levava, à frente, a luz da paz e do amor.

Ao contrário do protestantismo, que, na América do Norte, destruiu, desde o começo, o indígena, para somente aproveitar a terra com as suas riquezas materiais, o idealismo católico, sublimando na alma adorável do jesuita, gravou no Brasil o selo perduravel de Cristo, tirando a unidade política das tribus e dos colonos, da igualdade religiosa expressa nos mandamentos divinos.

Assim, os Estados Unidos da América do Norte, produto duma doutrina racionalista, aparecem-nos como uma fria máquina, movida por um motor sem entranhas, enquanto que o Brasil ainda na última guerra se afirmou como um povo servido por uma alma...

Emquanto os aliados, esmagados na guerra de 1914, precisaram productos e munições norte-americanas, puderam os alemães torpedear navios pacíficos e até cidadãos dos Estados Unidos, e só quando as fábricas dos seus industriais e os dólares dos seus archi-milionários se viram ameaçados, é que a pátria de Wilson se lembra de vir em

socorrió dos europeus, a quem deviam a independência e a vida . . .

O Brasil, cavaleiro de sua pátria, ergueu-se sem ambições ao primeiro enxovalho teutónico, e retira-se altivo e sensato da hipócrita Sociedade das Nações, que Wilson criou para uso maléfico das nações europeias.

Feita a paz, o americano do norte aparece como um Harpagão de ferro que salva o credor, para melhor o explorar até às entranhas.

O Brasil, na guerra, filho e neto de cruzados, e na paz, idealista e generoso como os missionários que o acordaram para a vida social, não é uma potência assente em engrenagens metálicas, obedecendo com interesseira precisão à ordem dum grupo de engenheiros, servos financiados por archi-milionários, mas um povo que tem cuidado da sua alma, sem esquecer o seu progresso material.

Esta diferença entre os dois povos das duas américas, até se manifesta eleqüentemente nos emigrantes portugueses.

O português da América do Norte acumula dólares, esquece o catecismo e manda comprar em Portugal apenas *coisas* que rendam; o português do Brasil manda reedificar a sua Igreja, construi o chafariz da sua aldeia, alinda-lhe as ruas e manda celebrar sufrágios pelos pais que cá lhe morrem.

O português no Brasil vive com saudades de voltar; o português dos Estados Unidos vive com a ideia de levar a família toda para a nação dos dólares . . .

O Brasil ama e enriquece o português, sem o corromper; a pátria dos dólares materialisa-o, fazendo d'ele um cosmopolita sequioso de oiro.

Assim, o dólar do racionalista dá o materialismo protestante, e o Brasil é sempre o afilhado do jesuita. que o baptisou e confirmou em Jesus Cristo.

Vítimas da calunia liberalista, que apresenta a Companhia de Jesus como soberana temporal de algumas terras sul-americanas, os gloriosíssimos filhos de Santo Inácio aparecem hoje como apóstolos, mártires e libertadores de muitos povos americanos, tendo sido consagrados como tais no Congresso Nacional da História do Brasil, em 1914, e no Congresso Internacional de História da América, a que assistiram as maiores sumidades intelectuais da América e da Europa.

Sem os estudos médios e superiores, que só os jesuitas criaram contra a vontade absoluta e documentada do Marquês de Pombal, que era apologista da relativa ignorância das colónias, para que jamais aspirassem à independência, sem a falange brilhantíssima dos professores jesuitas, não se teria criado a *élite* da intelectualidade brasileira, donde haviam de sair os chefes da futura nacionalidade.

Um povo que não cria colónias para a independência, é como um pai doente que apenas dá filhos raquíticos, incapazes de atingirem a maioridade activa, consciente e livre.

Amante da liberdade nos escravos, como nos povos, o jesuita tão alto a prégou e defendeu nas terras das suas missões, que até de ambições políticas o acusaram, quando era o próprio poder dos reis e dos governadores que, violentamente, os obrigava a desempenhar missões políticas difíceis e arriscadas, por o mesmo poder não encontrar mais corajosos medianeiros e mais ousados e inteligentes diplomatas.

Quando no século XVII o Vice-Rei, João Nunes da Cunha, se viu a braços com mil dificuldades na Índia Setentrional, coagiu os jesuitas a que a administrassem civilmente.

Debalde eles gritaram para Roma e para o Rei. Roma e o Rei mandaram ordem para serem dispensados, mas o Vice-Rei desobedeceu, porque sem os jesuitas, a onda da corrupção de indígenas e colonos arrastaria à perdição geral.

Na América aconteceu, por vezes, o que se deu na Índia, e não é culpa dos jesuitas, mas graça e poder de Deus se, por vezes, estes religiosos encontraram êxito onde as armas não puderam vencer.

É que o seu pres tígio não lhe vinha dos milhares de mortos, derrubados em batalhas cruentas, mas dos vivos a quem davam Deus com o próprio sangue das suas veias.

Para salvar uma índia da luxúria dum castelhano, morrem às frechadas os jesuitas P. João de Sousa e P. Manuel Chaves, e para que a paz de Cristo desça às tribus, oferece-se, como refens, o próprio Anchieta! . . .

São assim os padres de Santo Inácio!

Os padres de Pombal desertavam da *Vinha do Senhor*, para aceitarem o lugar de procurador dos vinhos do Alto Douro, como aconteceu ao provincial dominicano, Frei João de Mansilha . . .

Quando nos mais classificados inimigos dos jesuitas, o espírito do Senhor é substituído pelas virtudes do álcool, não é de admirar que um carnaval impiedoso de calúnias venha para a rua contra o jesuíta.

Graças a Deus o malefício jesuítico é hoje uma lenda que desapareceu dos cérebros cultos e apenas se prolonga,

à falta de uma intensa e reabilitadora propaganda, nos pseudo-cultos das cidades e das vilas, não tendo, porém, a calúnia mais importância que a existência de duendes e lobisomens, nas mentes simplórias e timoratas dos camponios.

Por isso, todos aqueles que temos uma pena e uma língua limpas, devemos vulgarizar as verdades que dignificam a santa e gloriosa Companhia de Jesus, escrevendo, na aureola de virtudes e martírios que a circunda, aquela legenda que Calogeras, ministro da guerra brasileiro, gritou a todo o mundo:

Os jesuitas são os grandes caluniados da história.

Tão longe e tão fundo lavrou a calúnia, tão insidiosamente ela se instalou no coração dos próprios católicos, que não duvido confirmar, com uma anedocta pessoal, aquele preconceito anti-jesuítico que o Rev.^{mo} Gonzaga Cabral confessa ter encontrado no próprio pai, homem escrupulosamente virtuoso e católico.

Numa das últimas expulsões de religiosos que se fizeram nos derradeiros anos da monarquia liberalista, encontrava-se o autor destas linhas como aluno dum seminário, quando, ao cair da noite de um dia inverniço, a população duma cidade, com música e autoridades à frente, passava, delirante, na rua, aos murras contra os jesuitas.

Tão grande foi, no seminário, o entusiasmo contra os *maiores caluniados da história*, que, naquele instituto de disciplina regular foi necessário que o vice-reitor mandasse fechar, imediatamente, janelas e portas, para que os seminaristas, doidos de contentes, não viessem para a rua juntar-se à multidão.

Porquê?

Nenhum de nós sabia . . .

Nunca os jesuitas nos haviam feito o menor mal, o prelado nunca os chamava para as prédicas, não os conhecíamos, não podíamos sequer erguer contra eles um argumento inteligente, mas eram jesuitas — isto bastava! . . .

Tão exaltada ficara a nossa juventude, que muitos nos deitámos tardíssimo, ficando eu, num grupo de rapazes a discutir, com ardor, contra os jesuitas, com um rapaz talentosíssimo, tão ardoroso como eu, educado em S. Fiel.

Eu devo ter proferido muita tolice, imensas palavras vãs, porque — aqui o juro — nunca lera um livro contra eles nem conhecia sequer um jesuita.

Sincero no meu ataque, sentia que o meu adversário me dominava, mas o meu verbo era porventura mais romântico, de louçanias literárias mais viçosas e rendilhadas, e, ao esclarecer, os condiscípulos que nos cercavam outorgavam-me a vitória numa hora em que eu estava esmagado.

O meu antagonista calara-se, convencido talvez de que não se batalha contra o nevoeiro, e eu vi que, na sua frente, brilhava uma pequenina estrêla — a estrêla da vitória cristã — que se escondera aos olhos dos nossos pobres companheiros, numa neblina de palavras ôcas . . .

E fui deitar-me, confessando a mim próprio êste pecado de inteligência: perante a besta ignorante eu vencera . . . mas aos olhos da minha consciência eu era um derrotado — um miserável vencido.

Não sentira então, é certo, como sinto hoje, a extensão da derrota, porque a argumentação do meu adversário me não convencera, mas sabia que não tinha vencido.

Para que alguém não julgue que a anedocta é da minha invenção, aqui autentico a minha sinceridade, declarando que o meu glorioso antagonista de umas horas foi, há pouco, escolhido por Pio XI para o cargo que mais pode honrar, na cidade eterna, um padre português: é hoje o reitor do Colégio Português em Roma.

Se, por acaso, estas linhas forem cair sob os olhos do querido amigo, que, da cidade eterna, a sua amizade uma vez mais me absolva e sorria, certo de que, na manhã da derrota, eu não senti a minha cabeça deitada numa corôa de loiros, mas numa travesseira de carqueija e pica-ratos . . .

Ah! é que eu fôra tão ridículo e ignorante como todos aqueles que ainda hoje afrontam os *maiores caluniados da história*.

NUNO DE MONTEMÓR.

É nobre e é útil o desejo da supremacia; pelo contrário, a pretensão do monopólio é dum egoísmo pernicioso. Tende a austeridade, e não a puerilidade do patriotismo.

Le Vieillard

A vitalidade dum nação persiste na razão directa da importância da ideia que esta nação personifica ou representa.

Alfred de Vigny

Algumas notas sôbre a educação e o ensino em Portugal

A conferência que publicamos hoje foi pronunciada pelo nosso camarada José Manuel da Costa, na festa escolar do Colégio de Nun'Alvares, que o nosso amigo Dr. Manuel Múrias dirige e de que José Manuel da Costa é professor distintíssimo. Ficam bem nesta revista as palavras desassombradas que, acêrca do ensino e da educação em Portugal, José Manuel da Costa escreveu. Os problemas do ensino e da educação em Portugal são dois problemas fundamentais. José Manuel da Costa, numa palestra que não quer ser um tratado, pôs muitas vezes, com inteligência e galhardia, o cãutério na ferida.

Dizia algures o grande mestre, Dr. Ferreira Deusdado: «Vivemos numa época incrédula e de negação, sem ideal definido, repleto de hipocrisias sociais, cujo estado patológico na nossa raça é manifestamente deplorável. A deletéria corrente, scéptica em religião, materialista em filosofia, realista na arte, é vento árido a estiolar as almas. No desdenhoso sorriso do descrente, lê-se a alegria da fé perdida e da esperança que não volta mais!...» E, minhas senhoras e meus senhores, quási vos podia dizer que ao nosso tempo não são descabidas tão pessimistas considerações. Iria mais longe a ferir esta tecla magoada se não me recordasse da necessidade de revigorar essas alminhas novas que são os vossos filhos e os meus alunos, e se não pensasse na esperança que nos trás uma aragem recente que como promete ao nosso tempo e à nossa Pátria uma morigeração de costumes e uma esperança de melhores dias.

Reparei bem que não teria de falar só para os meus alunos lembrei-me de que as famílias viriam acompanhá-los na sua festa, lem-

brei-me de que os Mestres viriam também com a sua presença trazer-lhes alegrias e estímulo. E assim falarei para todos.

A educação e a instrução em Portugal são, minhas senhoras e meus senhores, crimosamente dirigidas e orientadas. Começam por ser um amontoado de erros na vida da família onde não há a consciência nem das obrigações dos pais nem dos deveres dos filhos. Ou há excesso de liberdade ou excesso de retraimento e não raras vezes o professor se defronta com alunos incapazes do mínimo esforço pessoal, ou porque na família a nada os obrigaram—por descuido—ou porque na família todos lhe serviram de muleta por excesso de carinho amimadamente mal compreendido. A ninguém pertence como à família, o amor e o carinho, é certo, mas é necessário que eles se dêem com justo equilíbrio e com serena consciência. Nem sempre assim acontece, porém. Se não tivesse o receio de me alongar demais, provaria com exemplos colhidos neste mesmo colégio. Mas... Adiante. De seguida vem-nos a escola primária. Parece que aí deveria encontrar-se o natural correctivo dos defeitos—por vezes justificáveis—com que as crianças saem da vida da família. Mas não é assim, muitas e muitas vezes se encontram dedicadíssimos professores, não é menos certo que raras vezes se encontra um com sólida competência profissional e com seguros conhecimentos pedagógicos que lhe permitam orientar e dirigir criteriosamente a sua boa vontade e o seu interêsse. Podia falar-vos duma escoliose que ganhei na escola primária, por me obrigarem a escrever de pé numa mesa que tinha quasi a minha altura! Mas... seria alongar-me outra vez... e então... mais uma vez adiante...

O ensino secundário é então de todos o piór. No ensino oficial o professor raras vezes é o ministrador e o orientador dos conhecimentos, o canalizador das actividades e das vocações, o preparador das consciências dos alunos que poucos anos depois hão-de entrar nas camadas productoras da Nação. No ensino secundário oficial o professor é, por via de regra, um fiscal dos conhecimentos que não ministrou e que não faz por ministrar, um fiscal das consciências que não preparou e que não cuida de preparar. E isto é assim porque o Estado não cuidou de nobilitar a profissão do magistério, dando aos professores a preparação exacta dentro dos seus conhecimentos sciêntíficos, pedológicos e pedagógicos, remunerando-os como convém e fiscalizando-os nas suas actividades profissionais a eles que,

sem fiscalização condigna, se arvoram por comodismo em fiscalizadores única e exclusivamente.

Vejam agora a que deve visar o ensino secundário, dentro dêle, qual o âmbito especial do ensino particular, e veremos depois como os factos não correspondem ao estritamente necessário e como as realidades estão longe dos ideais. «Derivar dos ramos principais da cultura um complexo completo de noções elementares e fundamentais, ligadas em um todo com unidade, e transmiti-lo sucessiva e progressivamente;—promover o desenvolvimento quanto possível harmónico das forças físicas e psíquicas e dest'arte constituir personalidades cheias de iniciativa e energia; fazer imperar no espírito um sentir, pensar e querer encaminhados à verdade, ao bom e ao belo; ou por outras palavras, formar verdadeiras individualidades físicas e morais e dotá-las com a precisa preparação para que sejam úteis a si e aos seus semelhantes e possam entrar de futuro aos altos estudos e aos trabalhos de colaboração na cultura e na civilização do seu país e do seu tempo, eis o grande, o digno ideal do ensino secundário». Isto dizia o Dr. Jaime Moniz ao fazer a defesa da sua reforma do ensino secundário em 1895. A longa citação que fiz, não deriva tanto da minha concordância com a doutrina expendida, como da necessidade de sintetizar conceitos. E destes conceitos podemos concluir que ao ensino secundário tem de marcar-se um objectivo claro, qual seja o de criar individualidades físicas e morais, preparando-as para a vida dentro e de harmonia com as necessidades de interdependência social, já como sendo êsse ensino secundário uma base para os altos estudos, já fazendo dêle o limiar da intervenção nas actividades culturais do país, dentro da nossa época.

Ora os factos não correspondem de modo algum a estes objectivos, e do ensino secundário em Portugal, não resulta hoje a criação de personalidades cheias de energia e de iniciativa, mas sim a confusão intelectual dessas mesmas personalidades, animadas de um espírito de egoismo feroz, atiradas para a vida numa infernal luta de interesses, sem preparação sólida para as actividades práticas imediatas e sem bases consistentes para os altos estudos que, sem bases, se fazem quasi empiricamente. Na orientação profissional dá-se quasi o mesmo, com a agravante de que essa orientação se imprime sempre extemporaneamente, pensando-se só em dirigir as crianças, sem que ninguém pense sequer em as formar primeiro, para as orientar e dirigir ao

depois. Em Portugal sacrificamos quasi sempre a uma vantagem aparente os verdadeiros interesses das crianças e os interesses da própria sociedade; o mal é assim quasi geral e ninguém poderá eximir-se ao *mea culpa*, desde os pais que mal cuidam a educação na família, aos professores que se não integram justamente dentro da nobreza sãmente compreendida das suas funções. E o Estado pelo natural desleixo das suas células constitutivas, desprende-se também das preocupações de que jámais devia desprender-se, não dando ao ensino nem orientação, nem materiais, nem finalidades que façam das classes cultas classes verdadeiramente productivas.

Do ensino secundário sai-se sem aptidões, e sem as bases elementares e fundamentais, quer para a prática imediata da vida, quer para a entrada na alta cultura. E uma vez o aluno nos altos estudos é quasi certo que êle será um dos pióres no curso superior, se foi um dos melhores no curso secundário. Isto prova bem a desarmonia que existe entre os cursos secundários e superiores, mais por defeito daqueles que por excesso dêstes.

Vejamos agora como funcionam inarmónicamente o ensino oficial e o ensino particular. Nos exames de saída de cada uma das classes sofrem tratamento diferente os alunos internos e os alunos externos. Emquanto que aqueles são crimosamente protegidos pela benevolência e pela boa vontade dos examinadores e pela parcimónia dos programas dados, êstes pelo contrário têm contra si a animosidade dos mestres e a estulta exigência de estiradíssimos programas sem ligação, sem concatenação e sem unidade, eivados de teorias e de abstrações, sem finalidades práticas, sem vantagens didáticas e altamente prejudiciais à saúde intellectual e á saúde física dos rapazes. Daí a falência de muitos, o desânimo de quasi todos e o que é piór, a perda irremediável de alguns que fisicamente não resistem a tão injustificadas e inúteis exigências.

A Inglaterra tem o seu ensino secundário quasi exclusivamente entregue às actividades dos particulares, e em muito êsse facto tem contribuído para o alto relevo que atingiu, dentro da Europa, a cultura inglesa.

Á semelhança de New-School do Dr. Cecil Reddie, apontaremos como internatos modêlos os colégios rurais alemães do Dr. Lietz, estabelecimentos do tipo Pestalozzi, que têm por fim desenvolver harmónicamente o conjunto das fôrças físicas e psíquicas, o corpo e a

alma como se fôsem um só todo, e formar caracteres nobres e independentes, homens de pensamento claro e pronto, de sentimentos vivos e calorosos, de vontade forte e corajosa. Estes colégios têm de estar alojados fora da povoação em propriedades escolares convenientemente situadas, próximos de regiões montanhosas e onde haja prados, bosques, jardins, campo. A vida da escola constituirá como que um agregado familiar, vivendo sempre na sã harmonia educadores e educandos, que terão conjuntamente as mesmas alegrias e os mesmos sacrifícios. O ensino e a educação formam indissolúvel conjunto, com métodos e processos dum alto rigor psicológico, cuidando-se ao mesmo tempo a música, os trabalhos manuais, o desenho, a modelação, sendo a língua-mãe o fulcro de todo o ensino.

Acêrca dêstes institutos diz o Dr. William Frei: «o que assinala os institutos dêste género é a esfera mais rica de intuições e experiências ao dispor do aluno, circunstância de muito preço que procede da organização total da escola».

Permitam-me V. Ex.^{as} que refira mais algumas prerogativas respeitantes às escolas novas—que de resto foram já tratadas em Portugal pelo Sr. Ladislau Piçarra: toda a vida de escolar feita em função da formação do character e do desenvolvimento do espirito; o ensino tem um plano e uma execução subordinados às leis psicológicas, como uma das bases fundamentais têm os trabalhos manuais—que dão aptidões técnicas e auxiliam o desenvolvimento físico e a cultura intellectual; grande hygiene na alimentação, no vestuário e na habitação, reduzindo-se o trabalho exclusivamente cerebral em beneficio da vida ao ar livre.

É natural que haja nestas escolas alguma cousa de abstração e de profundamente teórico—ou elas não fossem filhas do século XIX—mas o que é certo é que têm finalidades acentuadas, objectivos claros e preocupações dominantes que, desgraçadamente, o ensino ainda hoje não tem em Portugal. De resto, conforme as tendências dos povos, assim as escolas, os processos de ensino e os métodos de educação. A democrática América negaria os seus princípios, se não fizesse dos seus internatos comunidades democráticas, estabelecendo preceitos para si mesmas e escolhendo, sob a inspecção dos professores, os vigilantes da comunidade. Em Portugal também as tendências se refletem bem nas escolas, no ensino e na educação. Desleixo, descuido, desmazelo em toda a parte, em toda a actividade, em todos os meios.

O ensino secundário oficial dizem que pretende preparar cidadãos ; ao que me parece só tem tratado de preparar monstros cultos, sem normas nem regras de conducta social, sem um justo equilíbrio entre a educação e o ensino.

Difícilmente daríamos bom termo à tarefa de explicar agora como e em que bases deveria reorganizar-se o ensino secundário entre nós. Isso seria assombrosamente difícil e não foi para isso que vim falar-vos hoje, tanto mais que, antes de tudo, se impunha e se impõe uma rigorosa remodelação nos costumes, fazendo da vida da família alguma coisa de nobre e de dignificante, nobreza que automaticamente resultará duma consistente educação moral, dignidade que se fará sentir logo que na família se introduzam os sólidos princípios da autoridade sãmente ordenada, na crença dum princípio superior, na disciplina duma regra religiosa.

Minhas senhoras e meus senhores: não é por gosto que falamos neste tom de censura. Mas temos a lisongeira pretensão dum espírito desempoeirado, e por muito que custe pretendemos ser altivamente verdadeiros, tanto mais que ainda não temos a falar contra nós aquela enfermidade grave que costuma acompanhar o reumatismo e que em lugar comum se chama o «triste jus da nossa idade». À minha geração assiste uma fortíssima obrigação de falar alto e claro, com verdade e desassombadamente. É que nós somos as grandes vítimas, e quando se tratar dos que depois de nós vêm, dos vossos filhos e dos meus alunos, minhas senhoras e meus senhores, há que ser eminentemente verdadeiro e desassombrado. Já nos não manda falar só o sossêgo da nossa consciência; é alguma coisa mais que nos obriga a construir sólidamente e a falar claro e com desassombro; é um formidável interesse colectivo de que quasi todos andam esquecidos, é a imperiosa necessidade do bem social, é a formidável responsabilidade que nos advem do passado e que tem de marcar no futuro a prova insofismável da nossa consciência sobre o que fizemos na história da civilização; e, ainda que queiramos ser todos conservadores, lembremo-nos de que ser conservador é continuar a tradição nobre do passado, tradição intelectual e moral que é ainda hoje o grande título da nossa imposição! Continuar a tradição intelectual e moral da nossa terra, não se consegue por processos brandos, não se alcança com meiguice! E a primeira violência será aquela que agitar as consciências, aquela que levar até às células da sociedade, até às famílias, a noção rigorosa

da norma disciplinar, do princípio da autoridade e da cultura moral.

Quando as famílias se integrarem nestas normas, terão justo direito de imporem na escola processos diferentes daqueles que desgracadamente nos regem. Enquanto assim não for, queixar-nos-emos todos sem razão, porque nos teremos todos esquecido dum formidável mandamento que nos impõe para o ensino e para a educação, a mais rigorosa continuidade.

Somos francamente apologistas do ensino particular com internato, e nestes internatos vemos a grande razão da continuidade na instrução e na educação. Na verdade nada encontramos semelhante a estas instituições que marcam bem aquela continuidade que preconizamos, transportando para a escola a vida do lar num desprendimento da ciência rígida e num carinho enternecidos pela ciência, sim, mas... e muito... pela consciência também! É que nos internatos está acesa ainda uma lareira que dá um fogo vivo e um calor brandinho, fogo e calor que se precipitam das almas dos mestres da vida dos alunos, como das almas fundidas dos pais se precipitaram na vida dos filhos numa serena consciência do existir, por mercê de Deus e na paz dos homens!

Formidável responsabilidade cabe, dest'arte, aos prefeitos e mestres de estudo. Na verdade é sobre estes que deve incidir um maior rigor de escolha, exigindo-se-lhes um complexo de virtudes que francamente os imponham ao respeito e à amizade dos educandos. E tanto isto é verdade, que a grande maioria dos internatos estrangeiros adoptam com seguro êxito o sistema da concentração no ensino, entregando aos professores, dentro de cada classe, o maior número de disciplinas que eles possam reger. É por que a estes professores se exige, não só ciência mas carinho, não só competência mas dedicação, aferindo-os à vida da escola como o sacerdote bom se entrega de corpo e alma à vida da Igreja. Em boa verdade, ovelhas não conheço mais dignas de protecção e de carinho, de dedicação e de conforto do que essas alminhas pequeninas de que havemos de fazer homens fortes de corpo e alma, exigindo-se-lhes depois, quando necessário fôr, esse corpo e essa alma, em holocausto da Pátria, num sacrifício abençoado pelo interêsse colectivo. Não-de os pais lembrar-se de ensinar aos filhos que eles serão os primeiros para Deus e para a Pátria, que eles serão os últimos para a Família. Sacrifício abençoado que será visto

do alto, que será visto de Deus, quanto a mim, que será visto do alto da vossa consciência quanto àqueles que não quiserem crer em Deus!

Não quis fazer-vos uma conferência de erudições pesadas e fastidiosas. Deixei aflorados vários problemas de educação, vistos tão somente nas suas linhas gerais, como convinha ao fim e à oportunidade. Para V. Ex.^{as} vai um sincero desejo de que tivessem visto nas minhas afirmações a prova viva dum calor bem íntimo, ou uma chama bem minha, que me tem prêso às alminhas novas dos rapazes, para cuja educação sou chamado. Se disse verdades amargas não faço penitência, porque disse verdades. Praza a Deus que do amargor de tais verdades possa sair o prazer doce dum bom fruto colhido e a confortante alegria dum dever cumprido como convém.

Minhas senhoras! Fazei das almas dos vossos filhos almas fortes, almas generosas, almas de almas, que saibam ser para Deus numa ascensão gloriosa, que saibam ser para a Pátria numa glória infinita, que saibam ser para vós numa ternura abençoada e grata de dedicação e de carinho!

Senhores! Sêde vós também os bons pater-famílias, modelos de virtude na vossa casa, exemplos vivos para vossos filhos, estrelas do norte onde as alminhas vejam fortaleza de ânimo. Quanto mais penoso fôr o vosso trabalho por vossos filhos, maior seja a alegria, estonteante alegria, enternecedora alegria que não cessará jamais.

Senhores professores e senhores prefeitos: Saibamos nós ter a consciência clara da obra a realizar, da responsabilidade que se nos exige, da honrosa entrega que os pais nos fazem, entregando-nos os seus filhos. Exalcemos-lhes as virtudes, combatendo neles o defeito do corpo e o defeito da alma. Que em cada uma das nossas lições vá uma grande parcela de carinho, uma grande soma de ternura, e um grande ensinamento moral. Em nome do Sumo Bem, saibamos exigir dêles tudo quanto de bom lhes tivermos dado na formação das suas almas e das suas inteligências. Tornemo-los bons, generosos e dignos, e que em nós se reflita toda a sua bondade, toda a sua generosidade!

Rapazes: Agora nós! Recebei com humildade—e não tenhais receio de serdes humildes, porque os humildes serão exaltados—a lição paterna, o amor das Mães, o ensinamento dos Mesitres e... o temor de Deus—que não é para desprezar! Sêde bons e dignos, generosos e

fortes, atentos e complacentes. Sede o espelho de voz próprios, com muitos milhares de imagens a refletir todo o bem, todo o amor, toda a alegria que sôbre vós fizeram cair! Vêde nas minhas palavras o amplíssimo desejo que tenho, vindo do meu calor, da minha mocidade e da minha chama íntima: Sêde homens dignos, sêde portugueses de boa fé!

José Manuel da Costa.

Esta velha terra que outr'ora se cobria de cruces por por toda a parte por onde passavam os homens e que germinava, como diz Isaías, o sinal da nossa redenção, é hoje dilacerada e devastada para que forçadamente dê a felicidade à raça humana, a esta ingrata progenitura da dôr que não quer sofrer mais.

Querem que a terra, esta criatura que Deus amaldiçoou a quando da queda de Adão, se transforme num Paraizo de voluptuosidade, que será banhado, não já pelos quatros rios edénicos, mas pelas duas torrentes da concupiscência moderna: o Pactolo e... o Rubicão. Para concorrerem para esta desejada irrigação, todas as fôrças vivas, todas as facultaddes superiores do homem são brutalmente requisitadas e forçadas a imolarem-se sôbre os altares ardentes do novo Moloch, cuja aterradora máscara antiga se dulcificou ligeiramente, e que agora se chama o Progresso indefinido.

Léon Bloy—«Le Symbolisme de l'Apparition».

Satan ressurgue...

Si l'homme r est fait pour Dieu, pourquoi n'est-il heureux qu'en Dieu? Si l'homme est fait pour Dieu, pourquoi est-il si contraire   Dieu?

PASCAL — *Pensões*.

Para muitos, falar na ressurrei o de Satan será uma superfluidade, uma pretensão literária, uma ingenuidade. Para alguns será um escândalo, um daqueles escândalos tão freqüentes hoje em dia quando se proclama alguma verdade, esquecida graças à cobardia de meia dúzia de gera es, cuja história Flaubert escreveu no Bouvard et Pécuchet, nesse livro cuja leitura entristece e cansa porque, no dizer de Vog   é "a Iliada grotesca do nihilismo . . ."

Foram Bouvard et Pécuchet, representantes de toda uma espécie mental, os que, em nome do progresso, prestaram ao Diabo o grande serviço de o matarem. Príncipe das trevas, onde continuamente   inquietado pela luz que êle renegou e que, iluminando-o, revela aos homens a sua preversidade, as suas pompas e os seus males, os homens do século passado sem escravos, ao negarem-no pretendiam deixá-lo livre no seu Reino, mais senhor dos seus artificios, mais à vontade nas suas tentac es, mais seguro nas suas conquistas.

Antigamente  le era conhecido e logo denunciado pelas suas obras. Nossos av s sabiam-lhe as manhas, precavi-

dos pela sabedoria cristã, pelo ensinamento das escrituras, pela própria experiência de Cristo, pelo testemunho dos monges e dos eremitas que contra êle lutaram em gigantescas pugnas. Chamavam-no pelo nome, representavam-no com crueza, tratavam-no duramente. Nas páginas desta revista já Gusmão de Araújo teve ocasião de pôr em relêvo êste procedimento dos nossos antepassados na fé. O Diabo era representado sem atributos de sedução, com seu perfil vincado onde se lia o ódio eterno ao Supremo Amor, o olhar frio e irónico que não cativa, o sorriso malévolos que gela, as garras que prendem e para completar a figura rebarbativa, odiosa, donde não se espera nenhum bem, que toda ela respira perfídia e maldade, a denunciá-lo claramente, os cornos retorcidos, os pés de cabra indicam que aquelle espírito puro não possui nenhuma das claríssimas virtudes que as almas têm, antes é o senhor dos grosseiros instintos, da torpe animalidade, da lepra que corrôe a criação.

Representado assim, o Diabo não seduzia. Porventura, o Senhor permitiu ao homem esta forma de materialização do espírito do mal para que sôbre êle não houvesse ilusões. «Estava ali um diabo visível, de plástico contorno, exalando cinismo, mas sem a heráldica gentil e dulçorosamente cativante do bom tom». (1)

Depois . . .

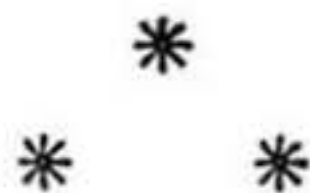
Bouvard et Pécuchet, homens superiores, do século das luzes e da sciência, antes mesmo de negarem Deus, negaram o Diabo. Podia lá existir o Inferno! Podia lá existir o Diabo! Crenças boas para os pobres analfabetos das

(1) Gusmão Araújo — O Diabo feito músico.

aldeias, para aqueles que não conhecem os segredos maravilhosos das sciências e o poder de sortilégio do «imperativo categórico». Bouvard et Pécuchet sorriram dessa crença ingénua sem contudo deixarem de louvar o sábio procedimento dos doutores da Igreja, que nessa figura tenebrosa tinham materializado o conjunto dos nossos maus sentimentos, inclinações e paixões. Sim. Porque para os inteligentes padres medievais o demónio era um símbolo, transformado para o vulgo num enigma que a psicologia moderna hoje resolve facilmente. E os católicos de então, receiosos de parecerem atrasados, de ficarem para trás na carreira da civilização, imaginavam o Progresso Indefinido expulsando Satan do mundo, como outrora Deus fizera no paraíso:

*Hoje a forma do Mal, Satan, o anjo caído,
O expulso, o condenado, o errante, o foragido,
Perde o mundo de pois de ter perdido os céus
E só pode esconder-se à cólera de Deus
Onde é preciso ainda o crime, o horror, a astúcia,
Dum polo nos confins, entre os gelos da Rússia!
Hoje o Progresso é tudo. Um século imortal.
Passa à luz que lhe envia a púdica vestal
Do povo, a liberdade, a irmã gêmea da vida!
Nas solidões do espaço uma voz foi ouvida...
—Caminhar!... Caminhar!... —dizia aquela voz!...
E todo o mundo a ouviu, também a ouvimos nós. (1)*

(1) *Guilherme Broga.* — Heras e Violetas.



Satan ressurgue.

Não que êle tivesse abandonado alguma vez o seu campo de conquistas. Nunca êle foi tão zeloso, nunca a sua acção foi tão vista e o seu trabalho tão fecundo. Nunca êle tinha encontrado tão pouca resistênciã. Apenas a nùvem de prece que dos lábios consagrados ao louvor de Deus constantemente subia para os céus, lhe punha obstáculos. De resto, raros eram os que tinham coragem para o defrontar, para o chamar pelo nome. Quando se falava nele sorriam-se. Não o acreditavam: tanto melhor.

Mas eis que de novo o seu nome é pronunciado e o auxílio de Deus se invoca para luta que se trava. Já ninguém duvida: a descendência enfezada de Bouvard et Pécuchet, sempre a persistir, por um hábito hereditário, em negar Satan, acredita, todavia nos espiritos maus, na influênciã maléfica que na sua vida têm o sal entornado, o cantar do galo, o número treze e a predição das bruxas . . .

Entretanto, os que durante tempos se obstinaram em negar o diabo, resolvem-se e desmascaram-no. Resolvem-se e vencem-no. É a hora das grandes almas. É a hora de Deus. É, também, a hora de Satanaz.

Porque ao Príncipe Tenebroso não interessavam grandemente essas almas que a si mesmas se traíam e que prontamente vêm ao seu sorriso, entregando-se sem lutar. Satanaz adora a luta. George Bernanos, autor dum romance recentemente publicado e que me sugere estas linhas — Sous le soleil de Satan —, interpretando fielmente

o que a experiência de muitos séculos tem ensinado aos homens, põe na bôca do espírito do mal estas palavras formidáveis, ditas a um santo: "Queres que te diga? Eu beijo-vos todos, acordados ou adormecidos, mortos ou vivos. Eis a verdade. As minhas delícias fá-las o estar convosco, pobres homens-deuses, singulares, singulares, tão singulares criaturas! Para falar francamente, eu pouco tempo vos deixo. Vós trazeis-me na vossa carne obscura, a mim cuja essência outrora foi a luz, trazeis-me no triplo recesso das vossas tripas, a mim Lucífer . . ."

O abade Donissan, o herói do livro de Bernanos, predestinado para a santidade é um predilecto de Satanaz. Todos os grandes santos o são. Mas o abade Donissan — e êste é para mim um grande defeito do livro — tem pouca humanidade. A sua resistênciã dolorosa acabrunha-nos. A sua falta de esperança desola-nos. A sua dor, longe de ser fonte de alegria, cheia duma fé viva e dum ardente amor, é triste e sombria. A sua resistênciã à graça é pecaminosa. O seu ódio mal vencido, mal dominado, ao pecador, é pouco cristão. Bernanos que parece ter buscado no bemaventurado cura d'Ars elementos para o seu estudo, não aproveitou dessa encantadora figura de santidade os mais interessantes traços. Bernanos esqueceu-se de meditar tres vezes o Evangelho e de amar S. Francisco de Assis. Em compensação, que maravilhosas páginas as dos capítulos finais! O perfil de Anatole France e a sua visita ao Santo de Lumbres estão descritos com o poder do génio. Estamos em frente dum grande artista e dum poderoso psicólogo; não duvido também que estamos em face duma grande alma, dum profundo cristão.

E não duvidemos. Assistimos aos prenúncios duma luta decisiva, na qual se encarniçam as potências das trevas, a

semearem, a fecundarem, a espalharem pelo mundo novas formas do velho pecado. Maritain, que pede um dilúvio de caridade para salvar o mundo, preve-o na sua encantadora resposta a Jean Cocteau: «O pecado abunda duma maneira tão monstruosa — diz ele — que podemos rasoavelmente pensar que Deus prepara uma superabundância de graça que não se pode imaginar».

Satan ressurge. Mas quando Satan ressurge, Deus, nosso pai e senhor, previne-nos mais contra os seus enredos, dá-nos mais forças contra as suas pérfidas manhas. O sexto sentido espiritual ganha uma sensibilidade viva que nos defende, que nos avisa, que nos conduz. É ele que de novo nos assinala Satanaz com os seus atributos maléficis, com as suas ardeirices de perdição. Satanaz ai está na nossa frente, tal como o pintaram os fortes lutadores que à terra conseguiram trazer o olhar divino, reproduzindo na sua vida o exemplo magnifico de Deus, entregando-se em holocausto ao Senhor, membros vivos de Cristo e eles mesmos «outros Cristos».

Satanaz ai está, arrastado do seu reino de trevas para o combate à luz e desenvolvendo a actividade miserável que desde o non serviam o ocupa e estimula.

Pelo sinal da Santa Cruz . . .

MARCELLO CAETANO

Mutilados e invalidos de Guerra

Tem sido este assunto tratado quasi que exclusivamente pelo lado material, relegando para um plano inferior o aspecto moral da questão, que devia merecer também tanta ou maior atenção.

Assim, se a parte material resolve de momento a situação dos interessados o lado moral, pode considerar-se como ponto de apoio, e a preparação do ambiente para acompanhar as alterações que a questão material precisa de sofrer consoante as flutuações do tempo.

A questão dos mutilados e inválidos de guerra foi conduzida desde o princípio por um caminho que devia trazê-la fatalmente à situação em que presentemente se encontra, fazendo com que a oito anos de paz, ainda se apresentam reclamantes ao auxílio do Estado, por ao serviço dêle se terem inutilizado na guerra.

Verdade que alguns casos são dignos de atenção, porque a organizada desorganização, em que os evacuados dos hospitais e ambulâncias por vezes se encontraram e muito especialmente quando transitavam por formações sanitárias estrangeiras, fazia com que a documentação necessária para a verificação das lesões, se apresentasse umas vezes incompleta outras sem referência util.

A selecção também se não efectuou nunca, existindo mutilados e inválidos entre aqueles que a metralha ou o clima produziu; uns que a si mesmo produziram os ferimentos, outros cujas doenças nenhuma relação têm com a guerra.

A legislação que até um dado momento só atingia aqueles que tinham ido para a Grande Guerra em África ou em França, alargou-se até aqueles *que não foram a guerra nenhuma*.

As deficiências dos primeiros diplomas juntaram-se outras e maiores dos subseqüentes, porque a situação daqueles a quem ela se applicar-se era estranha às comissões que prepararam os diplomas, para os legisladores discutirem e aprovarem.

A apreciação das percentagens de invalidez, fez-se e faz-se ainda pelo «guia-francês», como se a nossa situação física se pudesse comparar de algum modo aos franceses, por exemplo, e a sua aplicação é feita indistintamente aos que se inutilizaram em África como em França.

Era e é pois de necessidade a elaboração dum «guia-português», para a mais racional atribuição das percentagens de invalidez.

A legislação enorme em diplomas e êsses vastos em artigos, parágrafos e alíneas, que agora se pretende codificar, mas por forma contrária ao expresso na lei, tanto se aplica às vítimas vivas da guerra, como aos que noutros serviços se inutilizaram.

Quem percorrer a legislação estrangeira, onde tanto vamos copiar, terá ocasião de verificar o escrupulo com que o Estado proporcionou a assistência aos seus mutilados e inválidos.

Na França, como na Bélgica, na Itália, Inglaterra e até na própria Alemanha, que não puderam seguir o exemplo da América, que seguiu a vida dos seus soldados, dividiram os mutilados e inválidos em duas categorias: *Mutilados e reformados*.

Considera como mutilados todos os inutilizados que não pertenciam aos quadros efectivos (permanentes) do exército e da armada, e que fruem as regalias especiais que a situação exigia, e reformados, aqueles que pertenciam aos quadros do exército, e que já na legislação em vigor, em tempo de paz, se lhe consignavam as reparações a que teriam direito, quando a Pátria lhes exigisse serviços em que a sua vida corresse risco; a êstes atendeu-se-lhe a situação em face das tabelas do custo de vida, sem outras regalias especiais.

Entre nós applicou-se a lei a todos sem distinção.

Também na França como nos outros países beligerantes fixou-se o prazo para apresentação das reclamações que davam direito à pensão do Estado e só em casos excepcionalíssimos o Ministro das Pensões defere requerimentos nesse sentido. Entre nós cada modificação que se introduz na legislação, trás sempre atrás de si um alargamento de prazo para se beneficiar da lei, e quantas vezes...

Não é justo e afigura-se-me pouco moral o processo.

Também em todos os outros países os mutilados e inválidos de guerra têm as suas organizações oficialmente reconhecidas, que prestando os mais relevantes serviços aos interessados, auxiliam o Estado na escrupulosa divisão dos socorros com que o mesmo tem por obrigação assistir-lhe.

Nós temos também um projecto em projecto de aprovação...

Justo é que se diga que em Portugal se estabeleceram dois institutos para assistência aos mutilados de guerra.

Um em Santa Isabel no edificio da Casa Pia de Lisboa por iniciativa do falecido Sr. Dr. Aurélio da Costa Ferreira, e outro em Arroios, para onde transitaram os de Santa Isabel.

Do primeiro respeitarei a morte do seu director não me referindo a êle.

O segundo apetrechado com o que de melhor se foi buscar lá fóra, para tratamentos de todas as espécies, escolas e oficinas para instruir e reeducar. Da tragédia imensa da sua existência, apenas direi que seria interessante saberem se as conclusões da sindicância que se lhe fez e que dorme tranquila no arquivo do Ministério da Guerra.

Resolveu-se de facto a parte material da questão, no tocante ao «vencimento» que nos é pago pela verba das «Reparações», mas a aparelhagem está por resolver, visto que o que existe, pode servir apenas de pretexto para fazer ler aos amputados e mutilados que dela carecem o respectivo regulamento, porque a sua eficiência é de tal sorte demorada e difícil que pode levar anos a manufactura e entrega de qualquer aparelho.

A assistência médica em estações de altitudes para os tuberculosos e gaseados é restrita a casos e a prazos simplesmente irrisórios.

O futuro da família e a educação dos filhos; outra utopia, que apenas é assegurada pela previdência do interessado.

E são êstes problemas que, não reflectindo apenas o interesse material, mas também revestindo o aspecto moral, que é importante, e que no nosso país se traduz em coisa nenhuma, diga-me alguém se alguém as conhece quais as provas de assistência moral que se dispensam aos mutilados e inválidos de guerra?!

Estou certo, porém, que quando só se apresentarem à consideração pública *os verdadeiros mutilados e inválidos de guerra*, e tão pouco somos, elas nos rodeará daqueles carinhos e atenções que todos os outros países prestam aos seus, e êsse amparo moral também ao Estado cumpre e até se lhe impõe.

Alberto Baptista Alvares, mutilado na Grande Guerra.

Pensamentos, palavras & obras

Um trecho de Xavier de Maistre de actualidade flagrante

«Alguns livros perigosos tentaram um dia introduzir-se em minha casa.

Resultaram daqui certas perturbações e uma certa fermentação. Julguei oportuno promover um concílio nacional e pedir aos Padres um símbolo relativo às leituras, e sobretudo às leituras dos romances. Compareceram a Modéstia, a Alegria, a Imaginação, a Diligência, o Tempo, a Razão, a Escritura Sagrada, a Tradição e alguns outros Padres menos conhecidos. A Imaginação, tendo a sua séde *in partibus infidelium*, e admitida por simples favor, mandara para a mesa um *postulatum*, com o fim de não se tomar decisão alguma formal; mas a maioria não aprovou, e, de comum acôrdo, ficou sendo lei do Estado o seguinte :

Creio que a leitura é o espelho da alma; que são as doutrinas que fazem os homens. Dize-me com quem andas, dir-te-hei quem tu és.

Creio que o temperamento intelectual se forma como o temperamento corporal.

Creio que é impossível a qualquer natureza resistir sempre ao mesmo género de leitura.

Um comércio freqüente é sempre vitorioso.

Creio que as más leituras são perniciosas à alma como o veneno ao corpo.

Creio que a leitura dos romances tira ao character a sua gravidade, à vida a sua seriedade, ao coração a sua pureza, à vontade a sua fôrça.

Creio que os romances não são de forma alguma modelos de literatura.

Creio que muitas pessoas se iludem a respeito de literaturas, quer permitindo-as, quer fazendo-as.

Creio que as pessoas que permitem, que favorecem, que impõem, que aconselham as leituras frívolas, perigosas ou más, contraem a mais terrível responsabilidade perante Deus.

Creio que na hora da morte muitas ilusões se dissiparão tardia-mente em detrimento de muitas almas.

Creio que se as almas que se perdem pelas más leituras nos apa-recessem repentinamente, ficaríamos espantados do seu número.

Creio que se os livros pudessem falar, revelariam coisas espanto-sas sôbre o apostolado da perversão que têm exercido sôbre as al-mas.

Creio que um cristão não deve ler maus livros, que perde o seu dinheiro em os procurar, o seu tempo, a sua inteligência, a sua alma em os ler, e que se alguma obrigação lhe resta, é queimá-los.

Creio isto em nome do bom senso, da experiência e da fé.

(Transcrito por Ferreira Deusdado em *A crise do Ideal na Arte*, pág. 109-110).

Aos nossos amigos e assinantes

As circunstâncias *verdadeiramente angustiosas* em que vive a im-prensa periódica, alheia a subsídios do Terreiro do Paço e da Finança, obrigam-nos a mais uma vez, pedir-mos a todas as pessoas que, tendo recebido a nossa revista não queiram ou não possam assiná-la, tenham a bondade de no-la devolver no mais curto prazo de tempo.

Considerando assinantes os que nos não fizerem a devolução pe-dida, mandaremos proceder à cobrança do respectivo débito, em todos os períodos de cobrança.

Rogamos, porém, a todos os senhores assinantes que tenham as suas assinaturas em atraso, o favor de prontamente as liquidarem, evitando-nos assim prejuízos maiores.

De vez em quando chegam-nos súplicas de amigos nossos que de-sejam acção, acção, acção. Por nosso lado lembramos aos nossos ami-gos que não é possível acção nenhuma para a qual não contribuam todos, mas absolutamente todos. Ora nós reconhecemos e publica-

mente o declaramos que muitas vezes nos têm faltado, com a sua cooperação, muitos indivíduos que têm a obrigação de nos acompanhar em todas as nossas campanhas. Toca isto a quem tocar:—mas é necessário que se saiba, para glória dos que tudo sacrificaram e estão dispostos a sacrificar ao nosso movimento,—e para vergonha dos que falam e protestam e barafustam, fugindo so entanto a qualquer sacrificio pelas doutrinas políticas que dizem, mas não sabem perfilhar.

... O estadista cuja biografia aí fica tracejada, teve uma apoteose em 1882 e vai ter um monumento de bronze, por subscrição nacional. Que um monarca português, mal intencionado, levantasse à sua custa uma estátua ao Marquês, seria correcto, porque o Marquês foi um rijo suporte da monarquia absoluta; porém se o povo desabasse a estátua —praticando um acto violento— seria também lógico. O Marquês de Pombal não matava fidalgos para vingar o povo espesinhado, matava-os porque afrontavam o rei... O Pombal quando enforcava a plebe do Pôrto e queimava a plebe da Trafaria, denominava os padecentes—*réus de alta traição e de lesa majestade da primeira cabeça.*

Morreu impune o Marquês, coçando socegadamente a sua lepra. A História, para vingar a Justiça, levantou um patíbulo a êsse infame imortal e a democracia engrinaldou-lhe o cadafalso em altar, volvido um século. Há muito que receiar da doblez de tais sacerdotes. A liberdade, essa eutão não tem nada que esperar dêstes seus filhos bastardos.

Camilo Castelo Branco — *Perfil do Marquês de Pombal.*

EXPEDIENTE

Condições de assinatura

	6 números	12 números
Continente, Ilhas e Espanha	12\$50	24\$00
Colónias portuguezas	—	36\$00
Estrangeiro.	—	40\$00

Número avulso: 2\$50

Para os assinantes da *Nação Portuguesa* e eclesiásticos, no Continente:

6 números: 10\$00

12 números: 20\$00

As assinaturas não pagas directamente à Administração sofrem um aumento de *um escudo* para despesas de correio. As despesas de cobrança das assinaturas das colónias e estrangeiro são de conta dos srs. assinantes.

A todos aqueles para quem enviamos a revista e não a queiram assinar pedimos a fineza de a devolver no mais curto prazo de tempo. Aos que a não devolverem manda esta administração cobrar, em todos os períodos de cobrança, as assinaturas em dívida. Rogamos, porém, a todos os srs. assinantes que tenham as suas assinaturas em atraso o favor de as liquidarem prontamente, a fim de nos evitarem maiores prejuizos.

Toda a correspondência relativa a assuntos de Administração deve ser dirigida para o

Largo do Directório, 8, 3.º

LISBOA

